

Pseudônimo: M. CARLOS AUDER

O MENINO NO QUARTO

Maurício Fernandes de Castro

Faculdade de Letras

O menino entra, hesitante, no quarto da prostituta. Seus dezesseis anos com medo da polícia. É tarde, quase dez horas da noite. A mulher o recebe na porta, rindo, sacana. Pela cara dele adivinha que é a primeira vez. Ele pergunta o preço, desconfiado. «— Vinte e cinco, meu bem.» ela responde. Ele tem trinta e cinco cruzeiros e pensa: ainda sobra para o cinema amanhã. A mulher fecha a porta. O quarto, na semi-obscuridade, iluminado apenas por uma pequena lâmpada vermelha, perto da cama de casal. A porta do guarda-roupa, entreaberta, parece uma gruta. Quadro de São Jorge, flores murchas no vaso cafona, roupa no chão, o rolo de papel higiênico — imagem de miséria aos olhos curiosos do menino. Mas ele está tão entusiasmado que não vê o quadro miserável. Pensa agora na turma, ele era o único que faltava para desmamar. Quiseram até fazer uma vaquinha para ajudar, mas ele não aceitou. Havia pintado aquela grana dos livros velhos, vendidos a preço de banana no sebo do italiano. A mulher havia tirado quase toda a roupa. Que corpo bonito, apesar de coroa. As pernas bem feitas, grossas. Os seios grandes e morenos, sadios. Era quase mulata, usava os cabelos soltos sobre os ombros nus. Faltava apenas tirar a calcinha (preta) e as meias compridas com ligas. Ficou excitado, ela olhou, sorriu e pegando nele disse: «— Tira a roupa logo bem...» Ele nem percebeu o tom automático, fingido, que ela usava com todos

os clientes. Se bem que gostasse de desmamar um franguinho forte e bonito, o corpinho rijo e limpo de menino de família, pivete bem criado, virgem e puro aos olhos dela. A mulher deitou-se na cama e esperou, apressando-o com palavras em voz baixa e gestos suaves. Ele foi tirando a roupa, apressado, sem jeito, ainda usava calção em vez de zorba e ficou peladão, no meio do quarto mal iluminado, aquela ereção doída lhe pendendo à frente e, desajeitado, cabreiro, foi subindo na cama, tropeçando nas pernas dela, começou a beijar e chupar os peitos carnudos, apetitosos, novidade longamente aguardada. E a mulher o abraçava e mordia, ele procurando o lugar de penetrar e ela dizendo: «— Calma, pera aí um pouco» e de tanto se mexerem acabaram virados para os pés da cama, na direção do guarda-roupa e da porta. Afinal ela deixou que ele entrasse, abriu as pernas roliças e foi ajudando-o a achar o caminho. Ele, excitadíssimo, nem pensou na importância daquele momento em sua vida, momento há anos sonhado, e achava tudo maravilhoso, animal, uma sensação nova como a primeira vez que conseguira nadar, andar de bicicleta, o primeiro beijo numa menina. Tudo isso lhe passava de relance pela cabeça tonta. Ao acabar de penetrar em suas carnes quentes e cabeludas, ouviu um barulho perto do guarda-roupa e olhou. Numa caixa ele avistou dois pés se mexendo. Assustado, perguntou a ela o que era aquilo. E a mulher: «— Num liga não, é meu filho que dorme aí, tem só oito anos.» Esfriou. Aquela coisa solta dentro dele parecia maria mole, João teimoso. Mole, não subia mais. Perdeu a vontade, ficou nervoso, quase chorando. Ela tentou ajudar com as mãos, e ele nada, pensava nos pés dentro do caixote. «— Isso acontece meu bem. Volta outro dia, pode até levar seu dinheiro viu?» Ele saiu tropeçando, deu ainda uma última olhada no menino dormindo, quase do tamanho dele.